
O estágio em jornalismo como espaço de naturalização do trabalho precário¹

Janaina Visibeli Barros²
Gilson Soares Raslan Filho³
Matheus Antônio Vieira⁴

Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG/Divinópolis

RESUMO

O estágio em jornalismo cumpre papel importante na inserção dos estudantes nas lógicas e rotinas produtivas do mundo do trabalho. Ele também é um espaço privilegiado de pesquisa, porque permite conhecer as mutações do mundo do trabalho em andamento, que têm sido vivenciadas ainda no processo de formação profissional. Nesta comunicação científica, apresentamos o contexto de naturalização do trabalho precarizado no jornalismo, vivenciado por jovens estudantes no estado de Minas Gerais. A pesquisa, que realizou entrevistas e roda de conversa com estagiários, revelou uma grave situação de responsabilização, constrangimento, adoecimento e acúmulo de estágios vivida por estudantes em formação. Tal quadro solicita uma reação das universidades, organizações de classe e órgãos reguladores no combate a naturalização do trabalho precário.

PALAVRAS-CHAVE

Estágio; Jornalismo; Trabalho; Comunicação

Introdução

O estágio curricular para os cursos de bacharelado em jornalismo passou a ser obrigatório a partir da Resolução CNE/CES Nº 1, de 27 de setembro de 2013 e tem por objetivo consolidar práticas de desempenho profissional inerente ao perfil do formando que deve vivenciar as rotinas produtivas ligadas às atividades jornalísticas durante seu processo de formação. A atividade de jornalismo surgiu como especialidade ligada ao processo produtivo de empresas jornalísticas da indústria da informação (TOMPSON, 1998, TRAQUINA, 2005). A centralidade produtiva que caracterizou sua fase pré-digital, todavia, foi desmontada e, atualmente, a indústria opera sob lógicas algorítmicas de apropriação de dados por corporações privadas, denominadas plataformas, que

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Trabalho, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Doutora e Mestra em Ciências da Comunicação pela ECA/USP. Docente nos cursos de Jornalismo e Comunicação Social – Publicidade e Propaganda da Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG/Divinópolis. E-mail: jvisibeli@gmail.com

³ Doutor em Ciências da Comunicação pela ECA/USP. Docente nos cursos de Jornalismo e Comunicação Social – Publicidade e Propaganda da Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG/Divinópolis. E-mail: gilraslan@gmail.com

⁴ Graduado em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda, graduando em Jornalismo e bolsista de Iniciação Científica pela Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG/Divinópolis. E-mail: matheusu1207@gmail.com

atravessam o fazer jornalístico em várias faces: como instrumento de trabalho, como espaço de trabalho e como meio pelo qual os produtos jornalísticos circulam e são distribuídos, o que alterou as lógicas produtivas (FIGARO et al, 2021; BARROS, RASLAN FILHO, 2022) e imprimiu novas formas de tensão no processo produtivo (DURAND, 2003).

Nesse cenário, estudantes em processo de formação são confrontados com as dinâmicas e contradições do mundo do trabalho a partir do estágio curricular obrigatório e extracurriculares. Ao pensar essa vivência nos cursos de formação, Pimenta e Lima (2017) argumentam que é preciso atribuir ao estágio um estatuto epistemológico que supere sua tradicional redução à atividade prática instrumental. Como campo de dinâmica social, os estágios nos permitem conhecer as transformações do mundo do trabalho dos jornalistas, que se manifestam no processo de formação dos estudantes. Com esse objetivo, entre os anos de 2022 e 2025, na Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG/Divinópolis –, com o fomento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais – FAPEMIG – realizou-se pesquisa sobre o estágio no curso de jornalismo.

Percurso metodológico

A primeira etapa da pesquisa exploratória buscou identificar quais eram os estágios curriculares que estavam sendo vivenciados pelos estudantes, tendo sido identificados três tipos de organizações: veículos de mídia, assessorias de comunicação/imprensa e agências de comunicação. A partir dos achados, na segunda etapa buscamos conversar com os estagiários sobre a vivência nos estágios. Realizamos nove entrevistas com estudantes de jornalismo, pela plataforma TEAMS. Utilizamos um roteiro semiestruturado e as entrevistas foram gravadas para posterior transcrição e análise. Três entrevistados não estavam matriculados na disciplina de estágio curricular e realizam estágio extracurricular. Além das entrevistas, também foi feita roda de conversa com nove estudantes. Novamente utilizamos um roteiro para que os estudantes pudessem fazer seus relatos e trocar experiências vivenciadas no estágio.

Discussão: os dilemas do mundo do trabalho

O estágio tem potencial de ser um espaço de formação profissional complementar ao percurso pedagógico formal do curso de jornalismo, mas, contrariamente, ele tem sido espaço de adoecimento e naturalização dos constrangimentos. Os estudantes assumem

responsabilidades que transcendem a lógica do estágio, com jornadas extenuantes e disposição de seus próprios equipamentos como condição imposta para a realização das tarefas prescritas. Aqueles que estão em veículos trabalham em *home office* e estão sozinhos em ambientes domésticos, com exceção dos que trabalham em veículos de TV e rádio. Essa situação contraria a lógica do estágio, pois, como indica Marques (2019), a redação virtual impacta negativamente nos aprendizados que acontecem no calor do ambiente de trabalho e não podem ser vivenciadas no grupo de whatsapp.

Estagiários têm sobreposto funções, que vão da pré-produção, produção, distribuição e acompanhamento do consumo do material publicado. Muitos ocupam vagas de um profissional e não raro acumulam estágios, o que impacta no desempenho acadêmico e em sua formação.

Considerações finais

O estágio vivido pelos estudantes revela que eles atuam autonomamente no exercício do jornalismo e isso é importante para seu aprendizado. Todavia, como não são tratados como estagiários e sim como profissionais, o estágio torna-se espaço de sofrimento e adoecimento para os estudantes. A realidade cobra dos cursos de jornalismo e entidades de trabalhadores da categoria pensar sobre as condições de trabalho dos estudantes e na defesa do trabalho decente.

REFERÊNCIAS

- DURAND, Jean Pierre. **A refundação do trabalho no fluxo tensionado**. Tempo Social, 15(1), 139-158, 2003.
- FIGARO, Roseli et al. **Como trabalham os comunicadores no contexto de um ano da pandemia do covid-19?** São Paulo: ECA/USP. 2021. Disponível em: http://www2.eca.usp.br/comunicacaoetrabalho/publicacoes_cpct/como-trabalham-os-comunicadores-no-contexto-de-um-ano-da-pandemia-de-covid-19-1-ano-e-500-mil-mortes/
- MARQUES, Ana Flávia. **A redação virtual e as rotinas produtivas dos arranjos econômicos de comunicação alternativos às corporações de mídia**. São Paulo: ECA/USP, 2019. Dissertação. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27152/tde-16022021-201705/pt-br.php>
Acesso em: 22 de jun. 2025.
- PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência**. São Paulo: Editora Cortez, 2017.
- THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: Uma teoria social da mídia**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: por que as notícias são como são**. Vol. 1. Florianópolis: Insular, 2005.

VISIBELI BARROS, J.; RASLAN FILHO, Gilson S. Novas funções da comunicação no contexto de plataformização do trabalho. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, [S. l.], v. 23, n. 46, 2024. DOI: 10.55738/alaic.v23i46.1122. Disponível em: <https://revista.pubalaic.org/index.php/alaic/article/view/1122>. Acesso em: 22 jun. 2025.